

ANTÔNIO JOSÉ CHEDIK

- IN MEMORIAM¹

(1916-2007)

Evanildo Bechara

Nos primeiros dias de fevereiro, a Academia Brasileira de Letras ficou desfalcada de um operoso colaborador, o Professor Antônio José Chediak, falecido aos 12 de fevereiro último, após longo e penoso período de doença. Chediak era mineiro de Três Corações do Rio Verde, onde nascera aos 9 de março de 1916. Cedo se iniciou no magistério em seu recanto natal, mas os dotes de inteligência e seu apego aos estudos logo aflorados abriram-lhe portas em colégios de outras cidades vizinhas até que veio a fixar-se definitivamente no então Distrito Federal. Formado na leitura de bons autores clássicos, antigos e modernos, e forrageado na doutrina dos melhores mestres do vernáculo e da Filologia, não lhe foi difícil o acesso ao magistério oficial, numa quadra em que os salários de professor lhe permitiam o bastante para formar uma seleta biblioteca, e as férias regulares lhe ensejavam tempo para estudo e aperfeiçoamento. Herdeiro da paixão de seus professores do seminário de Campanha pelo tesouro vernacular que encerravam os escritos de Carlos de Laet, logo se debruçou na leitura do denodado monarquista e católico. Dessa paixão saíram-lhe dois trabalhos de real valor: *Mobilidade do Léxico de Carlos de Laet* (1941) e *Carlos de Laet, o Polemista* (2 tomos, 1942 e 1943). Estava lançada a plataforma do jovem professor como filólogo de escol. Estes trabalhos de maior fôlego patentearam-lhe o gosto e a competência para as importantes questões da microfilologia; daí não ser de admirar que o vemos convocado para integrar, em 1958, a Comissão criada pelo Ministério da Educação e Cultura, que funcionou junto a esta Academia, para estabelecimento de texto das obras de Machado de Assis, nitidamente inspirada pelo movimento de Crítica Textual defendido por Celso Cunha e Antônio Houaiss. Essa Comissão, que logo se identificou como o mais ambicioso projeto ecdótico da literatura brasileira, impõe-se que seja prosseguida, para completar a tarefa que a inspirou. Para a Comissão, Chediak preparou a modelar edição de *Quincas Borba*.

A disciplina e organização científica que norteavam seus trabalhos guindaram-no à comissão assessora integrada por Serafim da Silva Neto e Silvio Edmundo Elia junto aos catedráticos de Português do Colégio Pedro II que, por ato do Ministro da Educação e Cultura, em 1957, elaboraram o Projeto de Nomenclatura Gramatical Brasileira, com vista a disciplinar o emaranhado terminológico que campeava nos livros e nas aulas de Língua Portuguesa, com grave prejuízo para o ensino do idioma nacional.

¹ Texto lido pelo *autor* em sessão da Academia Brasileira de Letras.

Como resultado desta participação do arrugo que hoje aqui pranteamos saiu pela Diretoria do Ensino Secundário do MEC, em 1960, um exaustivo documentário intitulado *Nomenclatura Gramatical Brasileira e sua Elaboração*, em que são consignados todos os passos da Comissão e são transcritos os relatórios e sugestões que a ela foram encaminhados por órgãos oficiais consultados e pelas instituições e professores, que se manifestaram sobre o Projeto ministerial. Esta Academia lhe deve, por convite do então presidente Arnaldo Niskier, a supervisão da equipe que preparou a 3ª edição do *Vocabulário Ortográfico* (1999), bem como do grupo de especialistas que, durante dois anos, trabalhou na atualização do *Dicionário da Língua Portuguesa* elaborado por Antenor Nascentes em 1943, na presidência de Afrânio Peixoto, e publicado por esta Casa, em 4 volumes, em 1961 e 1967, na presidência de Austregésilo de Athayde.

Seu último trabalho, agasalhado pela nossa Academia, foi a primorosa edição do poema de Castro Alves *Tragédia do Mar (O Navio Negreiro)*, em 2000, na qual, com paciência beneditina, procura dotar o texto da lição mais próxima da última vontade autoral.

Se no campo dos estudos lingüísticos nos deixou Chediak um exemplo de investigador competente, não foi menos rica a herança de honradez nos altos cargos que ocupou na administração pública, e de lealdade aos amigos, como foi com o Presidente Juscelino Kubischek, nas horas de esplendor e de tristezas. Com o seu desaparecimento, a língua portuguesa perdeu um denodado cultor e a Casa de Machado de Assis um colaborador incansável das suas mais lídimas tradições.